

**A escrita jesuíta e suas práticas: ciência e produção de medicamentos através da
*Colecção de Várias Receitas de 1766***

VIVIANE M. CAMINHA SÃO BENTO*

Nascendo enquanto idealizadora de um projeto missionário e catequético de longo alcance, a Companhia de Jesus tornou-se a mais viva intérprete da ideia de Cristianismo proposta pela Contra Reforma, movimento que nasceu das crises sociais e da renovação da piedade cristã, originadas em fins do século XIV e início do século XV. (MULLET, 1985: 10) Inaugurando uma nova interpretação do Cristianismo, a Companhia se diferenciou das ordens monásticas por suas práticas e formas de se relacionar com o mundo, tornando-se um importante instrumento da renovação católica.

Reconhecida oficialmente em 1540, a Companhia de Jesus se destacou por ter a evangelização enquanto ideal, desenvolvendo a ideia de apostolado pelo ensino. A fórmula do *Instituto* não deixou margem para dúvida ao esclarecer que:

Qualquer um que na nossa Companhia, que desejamos seja assinalada com o nome de Jesus, quiser militar como soldado de Deus, debaixo da bandeira da cruz, e servir ao único Senhor e ao Romano Pontífice, vigário seu na terra, depois de fazer voto solene de santidade perpétua, assente consigo mesmo que é membro de uma Companhia, sobretudo fundada para, de um modo principal, procurar o proveito das almas, na vida e doutrina cristã, propagar a fé, pela pública pregação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e obras de caridade, e nomeadamente ensinar aos meninos e rudes as verdades do cristianismo, e consolar espiritualmente os fiéis no tribunal da confissão; e trate de ter sempre diante dos olhos primeiro a deus, depois o modo deste seu Instituto, que é como caminho para chegar a ele, e de conseguir por todas as forças este fim, que Deus lhe propôs, casa um, todavia, na medida da Graça, que o Espírito Santo lhe comunicar, e no grau particular da sua vocação, não suceda que algum se deixe levar de um zelo não regulado pela ciência. (LEITE, 1938: 6)

Nesse sentido, a prática da missionação e o trabalho pedagógico forjaram as bases estruturadoras da Companhia de Jesus. Os missionários encontravam-se dispersos no mundo, e não apenas restringidos à Europa. Ásia, África e América passaram também a fazer parte do seu campo de atuação, sendo lícito afirmar que os jesuítas fizeram parte do processo colonizador de diversas regiões ligadas tanto ao Império português, quanto espanhol.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia – HCTE, Bolsista CAPES.

Dispersos pelo globo, os jesuítas estiveram ligados a Roma, sobretudo, por conta da identidade forjada na longa duração de sua formação e através de estudos intelectuais profundos atrelados a um constante trabalho interno, cujo principal instrumento era os *Exercícios Espirituais*. Essa identidade se definiu pelo “modo de fazer ou agir”, uma vez que mesmo não sendo idênticos, os jesuítas agiam de modos semelhantes, sempre orientados pela noção de salvação do *outro*, que em última instância, implicava em sua própria salvação¹.

Exemplo de elemento aglutinador dessa identidade, a correspondência epistolar respondeu, a um só tempo, as exigências de difusão e propaganda dos resultados da catequese para o mundo externo. Sheila Moura Hue afirmou que a correspondência epistolar era “a coluna vertebral do corpo inaciano, confirmando o poderio da Igreja Católica e de sua expansão em tempos de Contra Reforma”. (HUE, 2006: 20) Essa preocupação aparece na parte VIII dedicada à “união dos corações entre si e com sua cabeça”, das *Constituições* ao evocar a importância da “troca de cartas”, onde a correspondência era compreendida enquanto portadora de um papel ativo no governo da Ordem. (CASTELNAU-L`ESTOILE, 2008: 72)

Havia uma grande preocupação com a falta de notícias de algumas regiões onde se encontravam os jesuítas, como é possível perceber na carta enviada aos provinciais da Companhia no Brasil e da Índia, ao sinalizar que:

Até aqui se tem informações muito imperfeitas das coisas que acontecem nestas missões [Brasil e Índia]. Isso se deve ao fato que se deixa aos que ali trabalham o cuidado com o escrever para Roma. E assim uns o fazem outros não, e estes são a maioria. Mesmo os que escrevem dão informações de algumas coisas e de outras não, embora fosse mais conveniente que se soubesse. Assim, para remediar isso nosso Padre Mestre Inácio, ordena a Vossa Reverendíssima, e a quem quer que tenha o cargo de Provincial, que se encarregue de escrevê-las ou determine alguém para fazê-lo, com a devida antecedência, para que não deixem de ser enviadas a tempo. (LACOUTURE, 1994: 127)

No seio da Companhia, a correspondência epistolar teve como função ajudar a difundir o modo de proceder jesuíta, fundamento de sua identidade. Assim, a correspondência “ligou não apenas os membros dispersos à cabeça do corpo (Roma),

¹ Expressão utilizada por Charlotte Castelnau-L`Estoile para designar o *modus operandi* dos jesuítas. Ver CASTELNAUL`ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

mas também estabeleceu uma rede horizontal de relações”, ligando entre si aqueles que foram divididos. (CASTELNAU-L`ESTOILE, 2008: 73)

Ao conteúdo edificante da correspondência, somaram-se notícias sobre as adaptações das regras gerais às condições locais colocadas em prática em face da especificidade da região onde se encontravam esses homens. Para que o centro pudesse estabelecer seu governo, havia a necessidade de conhecer as condições locais, e o formato epistolar permitiu descrições vivas onde se tornou possível vislumbrar as situações as quais os missionários estiveram expostos. Assim, os jesuítas enviavam informações e esperavam de volta instruções para serem ajustadas à situação da local, evidenciando o princípio da adaptabilidade que norteou a ação missionária.

Se é certo que o ideal missionário, no sentido evangelizador e educacional, norteou as ações da Companhia de Jesus, igualmente é correto sinalizar que, para além dessas questões, os jesuítas desempenharam outros papéis, destacando-se em funções muito variadas como as de arquiteto, cozinheiros, astrônomos, engenheiros e nos serviços de saúde, como enfermeiros, cirurgiões e boticários².

No que diz respeito especificamente aos serviços de saúde, a atuação dos jesuítas se constituiu em um capítulo a parte, ilustrativo, não apenas das difíceis condições de vida, mas, sobretudo, pela forma de escrita que desenvolveu. Enquanto indivíduos inseridos em seu tempo, os jesuítas não estiveram alheios ao novo tipo de relação que se desenvolvia entre homem e natureza, colocada como desafio para os homens do Renascimento. Tal relação se definiu em função da utilização dos recursos do mundo natural em benefício da sociedade, através de práticas que visavam estabelecer, a um só tempo, exploração e conhecimento da natureza.

Disso, resultou um tipo de escrita que ultrapassou os limites do espaço religioso por se dedicar a outra faceta da Ordem, exemplificada na redação de manuscritos sobre as qualidades medicinais de elementos da flora e fauna, por exemplo, no Brasil através da pena de personalidades como Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Fernão Cardim, e Francisco Soares no século XVI, Jácome Monteiro no século XVII e Diogo Nogueira, João Daniel e Francisco de Lima no século XVIII.

² Para informações sobre as ocupações dos jesuítas ver: LEITE, Serafim. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 – 1760)*. Lisboa: Brotéria, 1953.

A obra de Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, de 1580, oferece excelente exemplo desse tipo de escrita ao destacar entre outros aspectos a descrição de árvores e ervas que serviam para medicinas e mezinhas. O capítulo VI, “das arvores que servem para medicinas”, descreveu uma série de elementos do mundo natural que poderiam ser utilizados na confecção de medicamentos, entre eles destacaram-se a *igpecacóaya* (ipecacuanha), proveitosa no tratamento das câmaras de sangue (disenteria acompanhada de sangramento), a *erva santa* indicada para “feridas, catarros, além de doenças da cabeça, estômago e asmáticos”, a *sobaúra* apropriada para “chagas velhas, que já não têm outro remédio” e a *goembegoaçú*, usada no tratamento do “fluxo de sangue de mulheres”. (CARDIM, 1980: 37-39)

Na mesma relação foi mencionada a utilização da árvore *Cupaigba* (Copaíba), de onde se retirava o óleo de copaíba, muito estimado na confecção de medicamentos. A planta foi descrita como

huma figueira commumente muito alta, direita e grossa; tem dentro della muito oleo; para se tirar a cortão pelo meio, onde tem o vento, e ahi tem este oleo em tanta abundancia, que algumas dão hum quarto, e mais de oleo, He muito claro, de côr d'azeite; para feridas He muito estimado, e tira todo sinal. Tambem serve para as cãdeas e arde bem; os animais, sentindo sua virtude, se vêm esfregar nellas; ha grande abundancia, a madeira não vale nada. (CARDIM, 1980: 37)

O uso dessa planta se popularizou na América portuguesa através do medicamento conhecido como *bálsamo dos jesuítas*, no qual se constituiu em ingrediente principal. Porém, existe menção à sua utilização nos escritos do jesuíta hispânico José Acosta, na obra *Historia natural y moral de las índias* (1792) como elemento de excelente odor e eficiente para curar feridas e enfermidades; em receitas de boticas jesuítas nos colégios de São Paulo de Macau, na China e na Casa de São Roque, em Portugal; bem como no receituário *Colecção de várias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades* (1766).

A *Colecção de várias receitas* informa também que o *bálsamo dos jesuítas* foi utilizado na fabricação de diversos medicamentos como o *Bálsamo para Empigen* (doenças de pelo), o *Bálsamo Apoplético*, a *Caçoula admirável*, o *Emplastro para dores*

de cabeça, o *Linimento para Empige*, a *Pílula Hiterica*, a *Tintura estomacal*, a *Triaga Brasília*, a *Nova Triaga Brasília*, os *Trociscos de jararacas*, o *Unguento de azougue*, *Unguento para empijas* e o *Unguento preservativo das erpes*³. (COLECCÃO DE RECEITAS, 1766)

Tal fato sinaliza para a existência de uma intensa circulação de conhecimento científico no seio da Ordem, fomentada inclusive por privilégios régios, uma vez que a utilização da Copaíba na China e Portugal ilustra que plantas nativas eram levadas para outros locais de atuação da Companhia de Jesus⁴. O jesuíta Pedro Montenegro fez menção sobre o fato de ser

[a Copaíba] muito conhecida e usada por toda a Europa, África e América, com grande estima e preço elevado no Japão e China, conforme estou informando devido às suas admiráveis virtudes. (FLECK, PORTELLO, 2012: 1125)

Convém, portanto, sinalizar que esse tipo de escrita está relacionada a uma atitude científica, não se tratando de mera curiosidade despreziosa, uma vez que servia ao propósito de divulgação de propriedades terapêuticas de plantas nativas para sua utilização na fabricação de medicamentos. Além disso, sabe-se que era levada para espaços apropriados, como quintais e campos, quantidade razoável de espécies nativas e de outros lugares do mundo, o que permitiu a exploração do potencial curativo de cada planta⁵. Esse foi o caso de vários ingredientes para composição da *Triaga Brasília* como a *erva caacicá*, *erva de sangue*, *raiz de capeba*, *raiz de jaborandi*, *raiz de jarro*, *raiz de pagimiriba*, *sementes de neampus*, *cipó de cobras* e *jararacas*, todos facilmente encontrados no Colégio da Bahia e em sua quinta. (COLECCÃO, 1766, p. 400-406)

Além de plantas, havia a criação de animais como as jararacas acima citadas, em função da preparação de um dos ingredientes da *Triaga*, os chamados *trociscos de víboras ou jararacas*, que tomavam a forma de pastilhas ou pílulas após a carne seca das jararacas ter passado pelo processo de pilagem e virado um pó que era então

³ Esses medicamentos eram, em sua maioria, de uso polivalente, sendo aplicado desde doenças de pele, passando pela cicatrização de feridas, até dores de cabeça e herpes.

⁴ Sobre os privilégios régios ver: Alvará de D. Sebastião de 4 de maio de 1573. In: ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: EdUSP, 2009. p. 162.

⁵ Sobre essa questão ver ALMEIDA, Luis Fernand de. *Aclimação de plantas do oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII. Páginas dispersas – estudos de história moderna de Portugal*. Coimbra: Faculdade de letras de Coimbra, 1995.

misturado a outras substâncias para ganhar a forma de pastilha. (COLECCÃO, 1766, p. 427-428)

Dessa forma, os jesuítas difundiram e estimularam a circulação de produtos, até aquele momento, desconhecidos no Velho Mundo, pois muito do conhecimento sobre as utilidades terapêuticas e alimentares das plantas foi herdado de compêndios escritos na Antiguidade. Conforme destacou Heloisa Gesteira

Em relação aos saberes sobre plantas, presentes na cultura da História Natural e da medicina, as referências eram os escritos de Plínio e Dioscórides. O contato direto com novas regiões levou ao questionamento dos saberes herdados dos antigos, que ainda eram uma referência, mas tornava-se igualmente relevante a experiência da observação direta. (GESTEIRA, 2013, p. 42)

O intercâmbio de conhecimento botânico entre as diversas boticas jesuítas coloca em evidência um tipo de escrita que destaca a operação da Companhia em rede. Tal fato abre espaço para se refletir, não apenas sobre a circulação de conhecimento, mas também sobre a configuração de uma rede de poder, tendo em vista que muitos dos medicamentos eram de segredo, ou seja, seus componentes não eram revelados e, por isso, garantiam para seus produtores singularidade no hall da produção de remédios⁶.

Nesse sentido, os medicamentos se destacavam muito mais pela propaganda de seus efeitos, do que propriamente por sua composição como é possível verificar nos nomes de alguns remédios jesuítas como o *Bálsamo Apopletico Optimo para Molheres, Quintilio Optimo, Rosa Solis Optima, Solimão Optimo, Tartaro Emetico Optimo e Triaga Optima da Botica do Collegio Romano*. (LEITE, 1953, p. 284-291)

Interessante de notar, é que para os medicamentos de segredo, muitas vezes, foram elaboradas formulações diferentes, mas com a mesma denominação, como foi o caso da famosa *Triaga Brasília Celeberrima em todo aquelle novo Mundo da Botica do Collegio da Bahia* e a *Nova Triaga Brasília que se faz no Collegio da Companhia de Jesus da Bahia*. (IBIDEM, p. 291) Medicamento de efeito polivalente, destacava-se por sua ação positiva para curar venenos de cobra e outros animais peçonhentos, dores de estômago, cólicas, vômitos, vermes, epilepsia, apoplexia, melancolia, convulsão e diversos outros males.

⁶ Para o caso dos medicamentos de segredo ver MARQUES, Vera Regina Beltão. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

Este foi um dos mais célebres remédios produzidos pela botica do Colégio da Bahia, projetando a América portuguesa no cenário internacional de circulação de saberes e contribuindo para reforçar a rede de Colégios e boticas jesuítas espalhados pelo mundo. Dentre seus componentes contavam-se nada menos do que 21 raízes, 7 sementes, 4 extratos, um total de 8 outras partes vegetais como cipós, cascas, botões florais e flores, 18 gomas, 8 óleos químicos e 11 sais químicos, perfazendo um total de 77 itens. (IBIDEM, p. 295-297)

Para além do receituário de medicamentos, a *Colecção de Várias Receitas* traz documentada a produção de óleos e sais químicos, em uma clara demonstração da afinação dos conhecimentos farmacológicos dos jesuítas com a medicina praticada na Europa Moderna. Assim, a produção de *Pedra Infernal* (AgNO_3), de *Mercurio sublimado doce* ou o processo de *calcinação do Cobre* apontam para uma forte inspiração em Paracelso, a partir do estudo empírico dos fenômenos químicos⁷.

Segundo o entendimento paracelsista, a doença era causada em função de um desequilíbrio dos três princípios hipostáticos, a saber: o sal, significando o corpo; o enxofre, a alma e o mercúrio, o espírito. Nesse sentido, os remédios de origem mineral, derivados, sobretudo, de metais clássicos e de não metais, teriam a função de restabelecer este equilíbrio. Os compostos de mercúrio eram utilizados externamente no tratamento de doenças de pele e sífilis e internamente como diuréticos, os derivados de arsênio e de antimônio eram mais próprios para os diversos tipos de câncer e, mesmo para lepra. E, na produção desses compostos era bastante comum a utilização de ouro (Au), prata (Ag), cobre (Cu), ferro (Fe), chumbo (Pb) e estanho (Sn). (MAAR, 1999, p. 222)

Em diversas receitas da *Colecção* encontramos referência a utilização desses mesmos metais e compostos químicos como mercúrio (Hg), enxofre (S), também denominado flor de enxofre, antimônio dioretico, vitriolo calcinado e sal de chumbo. A esses elementos eram adicionados elementos da flora e da fauna, mas sua utilização aponta para a existência de uma relação constante com a iatroquímica ou quimioterapia, ou seja, a aplicação da química na medicina, muito embora os jesuítas não se distanciassem

⁷ Ver MAAR, Juergen Heinrich. *Pequena História da Química*. Florianópolis: Papa livro, 1999.

da interpretação da doença em função do desequilíbrio de humores, de tradição hipocrático-galena e das ideias ambientalistas.

A marca da medicina durante a Época Moderna foi sua relação de proximidade com o mundo da magia, sendo, portanto, a doença concebida como força sobrenatural. Desse modo, ganha sentido a indicação na *Colecção de várias receitas* de períodos que seriam mais propícios para o preparo de alguns ingredientes dos medicamentos, como o caso dos famosos *pozes sympaticos*, entre 20 de Julho a 20 de Agosto (COLECÇÃO, 1766, p. 515) e o *Quintilio*, entre 16 de Novembro a 25 de Dezembro (IBIDEM, p. 516).

Todas essas evidências nos levam a refletir criticamente sobre a atuação dos jesuítas em relação ao mundo natural motivada em função das circunstâncias locais, ou mesmo de modo improvisado, conforme aparece na abordagem de Serafim Leite, ao sinalizar que

a necessidade local obrigou pois os jesuítas a terem abundante provisão de medicamentos; e também logo a procurarem os que a terra podia dar, com as suas plantas medicinais, que começaram a estudar e a utilizar em receitas próprias, como as do Irmão Manuel Tristão de que Purchas dá notícia em 1625. Destes remédios e tisanias, iniciadas no século XVI, se foi pouco e pouco ampliando a preparação de outros, com ingredientes europeus e da terra, até se estabelecer a farmacopéia brasileira. (LEITE, 1953, p. 86)

Essa chave de leitura um tanto quanto reducionista da preocupação dos inicianos com o desenvolvimento do conhecimento sobre o mundo natural parece equivocada, mesmo que se reconheçam as condições de adversidade para o cotidiano onde a população esteve exposta em alguns casos ao isolamento, às intempéries climáticas, ataques de animais, a toda sorte de doenças e epidemias, além de períodos de fome, por vezes prolongado.

Dos medicamentos produzidos nas boticas da América portuguesa, destacam-se 39 receitas provenientes da botica do Colégio da Bahia, dentre eles o *Bálsamo Apoplético*, também produzido nas boticas dos Colégios jesuítas de Macau e São Roque e o *Emplastro admirável para espinhela*, também produzido na botica da Casa de São Roque; 03 receitas provenientes da botica do Colégio do Rio de Janeiro, com ênfase na *Massa para Cezoens*, também produzida nas boticas dos Colégios jesuítas de Macau e Santo Antônio; e, finalmente, 07 receitas provenientes da botica do Colégio do Recife, dentre elas a *Água Otálmica Romana*, também produzida na botica do Colégio de Macau.

Além da indicação das boticas da América portuguesa que produziam esses medicamentos, a *Colecção de várias receitas* traz ainda criações de irmãos boticários que atuaram em diversas boticas da Ordem na colônia. Esse foi o caso do irmão Francisco da Silva, que entrou para a Companhia em 1717, sendo classificado como *insignis pharmacopola* e enfermeiro. Atuou junto aos Colégios de São Paulo (1732) e Rio de Janeiro (1737) e ficou responsável, em 1738, por organizar os serviços de farmácia do Colégio de Olinda e de trabalhar na farmácia do Colégio do Recife. (LEITE, 1956, p. 261-262),

Entre suas criações destacaram-se 11 medicamentos: 1 para insônia e dor de cabeça, 1 emético, 1 vesicatório, 2 vermífugos, 1 contra anemia, 1 anti-sifilítico e 4 contra doenças da pele. Na *Colecção* estes aparecem, respectivamente, como *Unguento Narcotico*, *Unguento de Fezes de ouro*, *Manteiga de Chumbo*, *Emplastro para matar Lombrigas*, *Triaga contra Lombrigas*, *Jalea Optima de ponta de Veado*, *Unguento de azougue*, *Leite Virginal* e *Unguento para empijas*. (COLECÇÃO, 1766, p. 131-471) Cabe ressaltar, contudo, que a *Manteiga de Chumbo* e o *Unguento de azougue* tinham uma ampla serventia:

Serve [Manteiga de Chumbo] para defecar a sarna e todo comichão cutâneo; é bom para as empalas e chagas de cabeça ou de outra qualquer parte; é muito defecativa e serve para toda inflamação procedida do fígado e para tirar qualquer pano e sinal da cara. (COLECÇÃO, 1766, p. 212)

Serve [Unguento de azougue] para excitar o fluxo da boca com muita brevidade, para qualquer casta de galico, para a boba antiga, sarna e empigens. Untão com ele todas as articulações, fomentando por algum peso[?] se as vezes necessário for. (COLECÇÃO, 1766, p. 457)

Outro irmão boticário que se notabilizou com a criação de remédios para doenças de pele foi Manuel Diniz, que entrou para Ordem em 1729, atuando nos Colégios de Recife e Olinda. (LEITE, 1956, p. 162-163) São deles os famosos *Bálsamo para Empiagens* e *Unguento para Empijas*, medicamentos de aplicação tópica e que têm como ingrediente principal de sua fórmula o *bálsamo do Brasil* (Copaíba). (COLECÇÃO, 1766, p. 59-60 e 467-469)

O conteúdo da *Colecção de várias receitas* permite ainda que se tenha conhecimento das enfermidades mais comuns que assolavam o cotidiano da população colonial. A maioria dos medicamentos desenvolvidos destinavam-se, preferencialmente

para a terapêutica das doenças de pele, a anemia e a sífilis. Entretanto, as boticas jesuítas também elaboraram medicamentos de efeitos variados, conforme sinalizou Serafim Leite:

[...] eméticos ou vomitório 7; purgantes 6; para febres e sezonismo 4; para enfermidades das senhoras 4; para chagas e feridas 3; para vermes intestinais 3; para tumores duros 3; para apoplexias 3; para paralisia 2; para histerismo 2; para lobinhos, verrugas e cancos (não malignos) 2; para doenças dos olhos 2; para dores de cabeça 2; e um específico para cada uma das seguintes enfermidades: do peito, coração, estômago, cólicas, disenterias, varíola (remédio que se apresenta não como eficaz em todos os casos, mas útil), reumatismo, gota, hidropisia, epilepsia, escorbuto, insônia e mordeduras de cobras. (LEITE, 1956, p. 13).

Por tudo isso, é importante ressaltar que se por um lado os estudos voltados para a atuação da Companhia de Jesus, no reino ou no ultramar, estão muito ligados à ação missionária e educacional, por outro, vem aumentando o volume de trabalhos dedicados a compreendê-la a partir da intervenção e contribuição dada para ao mundo científico. Esse trabalho procurou ressaltar esse segundo aspecto ao sinalizar para o fato de que a documentação relativa aos medicamentos jesuítas lança luz sobre um tipo de escrita que guarda relação com questões da ciência durante a Época Moderna, contribuindo, por fim, para desmistificar a imagem que associa a ação dos jesuítas pela negação de sua relação com questões de foro científico.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Luis Fernand de. Aclimação de plantas do oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII. *Páginas dispersas* – estudos de história moderna de Portugal. Coimbra: Faculdade de letras de Coimbra, 1995.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: EdUSP, 2009.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.
- Colecção de várias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades, 1766.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. POLETTO, Roberto. Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do

- manuscrito *Materia medica missionera* de Pedro Montenegro (1710). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, out.-dez. 2012.
- GESTEIRA, Heloisa Meireles. A América Portuguesa e a circulação de plantas, séculos XVI - XVIII. In: Lorelai Kury. (Org.). *Usos e circulação de plantas no Brasil - séculos XVI - XIX*. 1ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estudio, 2013. p. 12-51.
- HUE, Sheila Moura. . *Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]*. Tradução, introdução e notas, Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- LACOUTURE, Jean. *Os jesuítas: os conquistadores*. Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1994. v.1
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Livraria Portugália/Civilização Brasileira, v. 1, 1938.
- _____. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 – 1760)*. Lisboa: Brotéria 1953.
- _____. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*. Lisboa, Typografia do Porto, 1956.
- MAAR, Juergen Heinrich. *Pequena História da Química*. Florianópolis: Papa livro, 1999.
- MARQUES, Vera Regina Beltão. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.
- MULLET, Michael. *A Contra-Reforma*. Lisboa: Gradiva, 1985.